

QUESTÕES DE GÊNERO: UMA ANÁLISE DO LIVRO DIDÁTICO DE HISTÓRIA DO 5º ANO DOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Paloma Mendes de Oliveira
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia-UESB
mendespaloma@yahoo.com

Isabel Cristina de Jesus Brandão
Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
icjbrandao2014@gmail.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo geral, identificar e analisar como são apresentadas e relacionadas às questões de gênero no livro didático de história do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD. E como objetivos específicos: analisar os textos e as imagens do livro didático; identificar os conceitos e estereótipos de gênero presentes nos textos e imagens trazidos e abordados pelo livro didático; relacionar esses textos e imagens a partir das abordagens, representações e caracterizações das relações de gênero conforme os conteúdos propostos pelo livro didático. É importante destacar que a pesquisa caracteriza-se por um estudo qualitativo no qual utilizamos como recurso a análise documental. Foi possível identificar que a maioria dos conteúdos referidos no decorrer das quatro unidades e dos oito capítulos do livro analisado dispõe de abordagens pouco reflexivas, restringindo os conteúdos à figura historicamente construída e formada pelas representações predominantemente masculinas, continuando a reprodução de conceitos e estereótipos de gênero.

Palavras-chave: Estereótipos de gênero. Livro didático. Questões de gênero.

Introdução

Atualmente os estudos sobre as questões relacionadas a gênero estão cada vez mais presentes e discutidos na sociedade. Esses estudos das relações sociais de gênero são extremamente importantes na construção do sujeito e de uma sociedade crítica, munida de valores que respeitam seus semelhantes em direitos e deveres, contribuindo para a compreensão histórica, cultural, trabalhista, familiar, social e política.

Pensar e delimitar as relações dominantes de poder e os papéis estereotipados e relacionados à figura feminina, foi uma decisão fundamental e imparcial na realização dessa pesquisa¹, tendo por objetivo geral, identificar e analisar como são apresentadas e relacionadas às questões de gênero no livro didático de história do Plano Nacional do Livro Didático – PNLD. Os objetivos específicos são: analisar os textos e as imagens do livro

¹ Esse trabalho apresenta dados da pesquisa realizada para a elaboração da monografia no Curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), campus de Vitória da Conquista.

didático; identificar os conceitos e estereótipos de gênero presentes nos textos e imagens trazidos e abordados pelo livro didático; relacionar esses textos e imagens a partir das abordagens, representações e caracterizações das relações de gênero conforme os conteúdos propostos pelo livro didático.

É importante destacar que a pesquisa caracteriza-se por um estudo qualitativo no qual utilizamos como recurso a análise documental. Godoy (1995, p.21) aponta algumas características para esse estudo:

Segundo esta perspectiva, um fenômeno pode ser melhor compreendido no contexto em que ocorre e do qual é parte, devendo ser analisado numa perspectiva integrada. Para tanto, o pesquisador vai a campo buscando captar o fenômeno em estudo a partir da perspectiva das pessoas nele envolvidas, considerando todos os pontos de vista relevante.

Compreendendo ainda como a coleta de diversos tipos de dados são analisadas e entendidas, a partir de determinada interpretação e da dinâmica dos fenômenos sociais, essa abordagem metodológica nos possibilita o estudo do tipo documental. Fonseca (2002, p.32) refere-se à pesquisa documental como:

Pesquisa documental trilha os mesmos caminhos da pesquisa bibliográfica, não sendo fácil por vezes distingui-las. [...] A pesquisa documental recorre a fontes mais diversificadas e dispersas, sem tratamento analítico, tais como: tabelas estatísticas, jornais, revistas, relatórios, documentos oficiais, cartas, filmes, fotografias, pinturas, tapeçarias, relatórios de empresas, vídeos de programas de televisão, etc. (FONSECA, 2002, p. 32).

Acreditando na abertura de diferentes olhares é possível à inovação no âmbito da pesquisa científica e em sua estrutura.

Para esse estudo foi realizado um levantamento no Banco Digital de Teses e Dissertações (BDTD), do Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBCT), das pesquisas realizadas entre os anos de 2010 a 2017, com a finalidade da coleta de registros das pesquisas mais recentes para análise e utilização como referencial teórico desta pesquisa acerca da temática de gênero e livro didático.

Estereótipos relacionados a questões de gênero são criados culturalmente para dar voz e definir padrões as figuras masculinas e femininas, estruturando-os por sistemas de cores, formas, jeitos, padrões, costumes e atividades destinadas ao gênero biológico de pertença. As formas de doutrinação de gênero acontecem por estarmos envolvidos a uma sociedade ideologicamente machista, arcaica, preconceituosa e divisória, refletindo e disseminando

padrões, nas escolas, nas ruas, nos ambientes de trabalho e lazer e principalmente dentro das famílias, quer sejam elas “tradicionais” ou não, carregam valores e doutrinação de gênero.

A fonte de análise desta pesquisa é o livro didático e este se apresenta como material de apoio para o ensino, e os professores não podem sustentar suas relações de ensino e aprendizagem somente ao livro didático, uma vez que este instrumento deve ser caracterizado a partir de suas necessidades e adaptações para o alcance dos resultados e para o contexto em questão.

Dessa forma, é pertinente inquirir qual é a orientação oferecida para que o professor trabalhe as questões de gênero dentro da sala de aula, partindo de pensamentos e abordagens críticas, para que os alunos possam refletir e analisar as distinções de gênero que estão postas a eles, e os porquês de serem perpassadas dentro de uma linhagem que é organizada de forma histórica e cultural, e em quais condições e questões ideológicas e sociais essas relações de poder se estabelecem. Segundo Nosella,

Ideologia é entendida como uma leitura de uma situação histórica num conjunto de eventos, leitura orientada pelas exigências da ação a ser realizada. A ação exige que sempre exista um suporte teórico (ideologia) que a justifique, e este último não será a explicação mais exaustiva da realidade. Toda ideologia que sustenta uma ação tem a característica da parcialidade como uma exigência mesma da ação. (NOSELLA, 1979, p. 64).

O estudo não deve apenas (re) produzir ideologias e conhecimento científico, mas, viabilizar conhecimentos e caminhos para mentes críticas e a favor de igualdade e equidade. O livro didático é uma ferramenta de disseminação que compila e acumula conhecimentos científicos historicamente produzidos pela humanidade, que se apresenta como reprodutora de condição e construções de gênero já estabelecidas cultural e socialmente e não como veículo de sistematização de conteúdo crítico. Para Nosella,

O aparelho escolar, ao desempenhar sua função de inculcação da ideologia dominante, submete a clientela escolar, tanto da classe dominante como também, e principalmente, da classe dominada, a uma visão de mundo em que a estruturação da sociedade em classes e a exploração da classe dominada pela dominante toram-se naturais. (NOSELLA, 1979, p. 29).

O livro utilizado pelas professoras da instituição escolar durante o período do triênio 2016 a 2018 para o 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental é intitulado por ÁPIS HISTÓRIA, atendendo ao Programa Nacional do Livro Didático – PNLD. É importante destacar que ÁPIS é um projeto diretamente ligado à editora Ática (editora de livros escolares

no Brasil), que idealizou o projeto a partir das experiências vivenciadas em sala de aula pelos professores, alunos e autores por meio de pesquisas e avaliações promovidas pelo projeto junto a algumas parcerias e escolas do país.

Apresentação do livro didático – Ápis – História – 5º Ano

O livro ÁPIS HISTÓRIA está organizado em quatro capítulos. Foi realizado o estudo e análise de todos os quatro capítulos e a partir destas observações foi possível a divisão das imagens, dos textos e as análises de forma completa no trabalho de monografia, já que o livro Ápis-História contém quatro unidades com dois capítulos cada. Dispondo de unidades e aberturas em páginas duplas com questões ao final. O livro trabalha as seguintes temáticas por conteúdos: Unidade 1, *O mundo fica maior*, delimitando com o capítulo 1, “*viajar é preciso*” – *A terra é o limite? / Navegar era uma grande aventura*, e o capítulo 2 com, “*a chegada a outras terras*” – *Terra a vista! / Os portugueses chegam à América / Esta terra tinha dono*.

Unidade 2, *O trabalho constrói o Brasil*, definindo o capítulo 1, “*as primeiras formas de trabalho*” – *O trabalho escravo / Nem todos os que trabalham eram escravos*, e o capítulo 2, “*Trabalho escravo, trabalho livre / Chegam os imigrantes / Hoje: muitos trabalhadores e poucos empregos*”.

Unidade 3, *Brasil – de colônia a república*, definindo o capítulo 1, “*de Salvador ao Rio de Janeiro*” – *Portugal governa o Brasil / A busca da independência*, e o capítulo 2, *Um imperador governa o Brasil / Um presidente governa o Brasil*.

E finalizando a apresentação do livro didático e dos capítulos compostos por ele, a unidade 4, traz *O cotidiano na história*, definindo o penúltimo capítulo de “*uma viagem no tempo*” – *O dia a dia na colônia / A vida social após a independência*, e o capítulo 2, “*vivemos o presente*” – *A vida nos dias atuais / Um povo em festa*.

Esta é a proposta, abordagem e organização do livro Ápis-História do 5º ano dos anos iniciais do ensino fundamental.

Análise dos textos e das imagens do livro didático – Unidade 1

Na análise do primeiro capítulo evidenciou-se a falta de elementos que referenciava e caracterizava a figura feminina, pois é retratada a imagem de Yuri Gagarin, o cosmonauta Russo, que foi o primeiro ‘homem’, indivíduo a viajar pelo espaço e ver o planeta terra “do lado de fora”, expressão trazida pelo livro. No período correspondente ao século XV, são

narradas as longas viagens cheias de emoção e perigo, vista que os navegadores (tripulação ilustrada somente por homens) enfrentavam piratas, naufrágios e doenças.

As referências da introdução das análises do livro didático evidenciam feitos grandiosos para humanidade como profissões de mérito, bravura e força para época, que são representadas e atreladas majoritariamente na imparcialidade de figuras masculinas onde o homem é o centro, reforçado por estereótipos e criado culturalmente para a masculinidade.

Os fatores responsáveis por está análise aconteceu devido à constatação de que apenas a presença da figura masculina aparece em todo o capítulo 1, ‘*“viajar é preciso” – A terra é o limite? / Navegar era uma grande aventura*’ da unidade 1, ‘*O mundo fica maior*’ dentre as páginas 08 a 25, já indicando um fator de recorrência e presença no livro didático, que é a predominância masculina nas representações de imagens para as diversas esferas sociais.

Em sua pesquisa² Moraes (2015, p.70) aponta a baixa frequência de ocorrência de imagens da figura feminina e o predomínio da figura masculina, auxiliando na compreensão de que nas representações de gênero dos livros didáticos é evidente a máxima de imagens diretamente ligadas a figura masculina em relação a feminina.

No capítulo 2 da unidade 1, intitulado ‘*A Chegada a Outas Terras*’, é feita uma narrativa de acontecimentos importantes no fim do século XV e início do século XVI, pontuando as grandes navegações e evidenciando nomes como o de Cristóvão Colombo e sua chegada à América e referências a Américo Vespúcio importante navegador italiano que servia a Espanha. E no “trançando saberes”, que são chamadas de inferência do livro didático, é destacado o navegador Amyr Klink, que em 1989 navegou de um polo a outro da terra, os feitos da viagem da família Shürmann em 1997, a bordo de um veleiro que saiu de Santa Catarina numa viagem que duraria 891 dias e considerações a Pedro Alvares Cabral e Pero Vaz de Caminha. Esses apontamentos trazidos pelo livro atestam os fatos históricos que são contados e documentados na legitimidade total da figura masculina em relação as possíveis conquistas femininas veladas pela história. Em seguida é retratada a imagem de Irene Jesus, uma mulher indígena de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália na Bahia, evidenciando o uso da leitura científica e uso de tecnologias como o celular para e o acesso das mídias digitais nas aldeias, permitindo a análise de que dentre as 45 páginas da unidade 1, essa é a única referência e menção a figura feminina no capítulo 1.

² Representações de gênero em livros didáticos: Imagens e seus sentidos – Trabalho de dissertação.

A característica predominante dessa unidade ‘*O mundo fica maior*’ é a falta da presença de representações da figura feminina em relação a masculina na explanação do conteúdo trazido pelo livro didático, tanto no complemento das discussões como por meio dos textos ou imagens. Queiroz (2015, p.130) acredita que, “mais do que simplesmente constatar a ausência de figuras femininas importantes, podemos trabalhar com os alunos o porquê de elas não estarem presentes naquela unidade”. Chamando atenção para alguns questionamentos como: “existe alguma razão para tal? Existem mulheres de destaque na vida pública? O que fizeram de importante? As mulheres tiveram que enfrentar alguma condição adversa para alcançarem suas posições? Alguma dessas condições está relacionada ao gênero?”. (QUEIROZ, 2015, p.130)”.

Análise dos textos e das imagens do livro didático – Unidade 2

As análises dessa unidade inicialmente perpassam a primeira abordagem apresentada na capa de introdução dos conteúdos, intitulada como “*O trabalho constrói o Brasil*”, elucidando uma das primeiras profissões existentes no mundo. A profissão de professora é retratada de forma evidente nessa capa, pois a imagem chama atenção para a representação de uma mulher ministrando aula e explicando um determinado assunto para uma turma de crianças. A questão das profissões representadas na figura da mulher ao professorado nos chamou atenção justamente pela profissão aparecer no mesmo contexto e em outras representações de imagens que foram trazidas e abordadas em seus conteúdos pelo livro didático. A profissão de professora tem sua raiz histórica respaldada por construções culturais ideológicas a respeito da figura bondosa, cuidadora e paciente, alicerçada ao mito da essência da maternidade, construindo a representatividade e presença majoritariamente feminina nas classes escolares e principalmente na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental. Outro aspecto importante para a entrada da mulher na docência foi o esvaziamento masculino da profissão devido à efervescência da industrialização e a necessidade de independência em relação ao patriarcado

Segundo Almeida:

O fato de as mulheres ocuparem cada vez mais espaços na profissão, somado às formulações ideológicas que as consideravam mais capazes, pela industrialização e pela urbanização estarem ampliando o mercado de trabalho masculino, oferecendo inclusive ocupações vedadas às mulheres e, possivelmente, mais bem remuneradas, deve também ter contribuído para o

afastamento masculino, além do propalado desprestígio da profissão e da má remuneração salarial (ALMEIDA, 1998, p. 68).

Esse estereótipo reforçam os posicionamentos acerca de condições e papéis estereotipados nas relações profissionais da mulher, além de reforçar representações que tendem a propagação de ideias cristalizadas sobre o profissional docente, na educação básica, que tendem a serem mulheres, jovens, brancas e com pouca experiência. Para Moraes (2015) essas reproduções de estereótipos descaracterizam o material de apoio, pois:

Os livros didáticos do programa devem auxiliar na desmistificação de preconceitos e estereótipos. Para isso, as obras didáticas precisariam abordar de diferentes formas a diversidade de gênero no trabalho. Isso implicaria, inclusive, as ilustrações dos livros, as quais deveriam considerar a participação de mulheres e homens em diversas profissões e espaços de poder. (MORAES, 2015, p.83).

A força de trabalho no país que é retratada no livro didático no capítulo 1, “*as primeiras formas de trabalho*” – *O trabalho escravo / Nem todos os que trabalham eram escravos*’ da unidade 2, ‘*O trabalho constrói o Brasil*’, traça uma linha cronológica entre as relações de trabalho do período colonial (1500 a 1822), de independência (1822), período monárquico (1822 a 1889) até a proclamação da república (1889). Essas representações aparecem por meios de textos narrativos e imagens legendadas, que evidenciam o homem índio e a força de trabalho, o homem negro e escravo e a força de trabalho na produção do ouro, café e mandioca, diretamente nas lavouras. O serviço e preparação dos produtos eram destinados às mulheres negras e escravas ou em trabalhos domésticos que eram determinados somente para mulheres. O livro traz questões que possibilitam a abertura de um posicionamento crítico diante das relações de gênero apresentadas por figuras que constroem o imaginário do leitor elucidado pela ação do trabalho, como na questão ‘b’: “*Que tipo de trabalho era feito pelas negras escravizadas? E pelos negros escravizados que trabalhavam nas ruas?*” (ÁPIS-HISTÓRIA, 2014, p.57).

Essas reflexões são pertinentes para se pensar os estereótipos criados sobre gênero e trabalho, uma vez que a mulher está rotulada dentro de conceitos de trabalhos que não passam do âmbito doméstico. Em sua pesquisa³ Queiroz (2015), contribui com reflexões acerca da segregação profissional e em relação das ideias de que homens e mulheres são diferentes quanto o tratamento de valores no que se refere ao profissional:

³ Questões de gênero no livro didático de língua inglesa: Uma análise à luz do letramento crítico –Trabalho de dissertação.

O fato de que as mulheres estão concentradas em certos tipos de empregos e ocupações ajuda a criar e reforçar ideologias de gênero sobre as diferentes aptidões, habilidades, e necessidades de homens e mulheres relacionadas ao trabalho. Esse tipo de relação entre gênero e trabalho se transforma em um loop sem fim, em que porque homens podem fazer determinados tipos de trabalho, esse trabalho é visto como mais apropriado para os homens, e, portanto homens majoritariamente continuarão a fazer o que é definido como trabalho de homem (RYLE, 2012 apud QUEIROZ, 2015 p.61).

A autora compreende que a partir da noção de separação das esferas, são as características que se relacionam e definem a domesticidade que foi atribuída para figura feminina, sendo que algumas dessas características também foram transferidas para determinadas profissões em determinados padrões.

Continuando com as questões de trabalho no país, o capítulo 2, *‘Trabalho escravo, trabalho livre / Chegam os imigrantes / Hoje: muitos trabalhadores e poucos empregos’* refere-se ao trabalho assalariado e as implicações do movimento abolicionista.

No final do século XIX, o Brasil ainda era um dos poucos países que continuava com o regime de escravos. Os movimentos abolicionistas tiveram grande repercussão e êxito. Um dos grandes nomes de luta pela abolição da escravatura foi o de Chiquinha Gonzaga.

Essas representações e evidências das lutas femininas nos textos trazem contribuições históricas, sociais e culturais que ajudam na compreensão e no rompimento de estereótipos, imposições e desigualdades de conceitos de gêneros que podem ser reproduzidos ideologicamente na sociedade.

Outro fator de representatividade da figura feminina no capítulo foi o período de efervescência industrial do país no final do século XIX e nas primeiras décadas do século XX, pelo crescimento que as indústrias proporcionaram as cidades de São Paulo e Rio de Janeiro, contextualizando o papel que as mulheres desempenhavam no trabalho industrial. Nossella (1979 p.124) define trabalho como a ideologia de domínio do capitalismo, onde o trabalho é considerado uma das maiores virtudes para o cidadão possuir, agregando juízo de valores a ele.

Acreditar que o trabalho honesto e assíduo é recompensado com lucros, como está escrito nos textos de leitura, é distorcer toda a realidade econômica de uma sociedade capitalista. A ideologia capitalista, subjacente a tais textos de leitura, pretende que as crianças adquiram a concepção de que qualquer um que trabalhar terá seu esforço individualmente recompensado com lucros. (NOSELLA, 1979 p.124).

De acordo com Moraes (2015) “tratando-se das representações de gênero, a categoria ‘atividades de trabalho formal’ leva em conta as divisões e hierarquias no trabalho para os diferentes gêneros. Historicamente, homens e mulheres ocupam espaços distintos no campo profissional” (MORAES, 2015, p.59).

É evidente a imposição de profissões tanto para a figura masculina quanto para a feminina, colocando também separações até na oferta de cargos e empregos, sendo destinado o mínimo de vagas para mulheres, “implicando diretamente para que as mulheres tenham menores chances de conseguir empregos que envolvam exercitar autoridade sobre os outros” (QUEIROZ, 2015, p.62).

Análise dos textos e das imagens do livro didático – Unidade 3

Intitulado como “*Brasil – de colônia a república*”, esta unidade se organiza trazendo conteúdos sobre a colônia e divisão entre os colonizadores, e sobre o cidadão, munido de direitos e de deveres para com a sociedade. A atividade “*leia o texto e responda as questões*”, apresentando o texto “*às ordens do rei a Tomé de Souza*”, traz reflexões de como aconteceu o processo de exploração e “descoberta” de terras já habitadas pelos brasileiros indígenas, utilizando apenas da representação da figura masculina.

Os primeiros contextos são referentes à pátria e o ambiente geográfico brasileiro, representada no livro didático por essa unidade. É explicado por Nosella (1979, p.95) com a ideologia da beleza, que: “os textos de leitura que se referem à pátria, estão escritos em forma de poesia, exaltando o encanto de um Brasil alegre, cheio de sol e naturalmente belo”, desconsiderando todos os problemas da época.

Segundo a autora “o objetivo da ideologia dominante em seu texto de leitura, é sempre o de não analisar os problemas sociais” (NOSELLA, 1979, p.102).

Estes poemas sobre os fatos da História do Brasil relatam, de maneira abstrata, acontecimentos históricos e políticos, sem mencionar a causa que os determinaram, nem suas consequências. Eles são idealizados e a verdadeira História do Brasil fica esquecida nos bastidores da História. Estes fatos históricos, ainda parecem cenas estanques de uma história também estática, segundo as descrições dos textos de leituras na área de Comunicação e Expressão, onde não existe nenhuma relação entre eles (p.104).

A primeira e única figura que elucida a representação de ações humanas na unidade é referente à leitura da sentença dos inconfidentes, tela de Eduardo de Sá, produzida em 1921

retratando Tiradentes, José Xavier da Silva, representado no centro da sala, provavelmente em um momento de oratória, evidenciando sua liderança frente a questões e implicações da inconfidência, ressaltando a predominância da figura masculina em todos os cantos da sala, subentendendo a não participação de mulheres em ações políticas da época. Nosella (1979) esclarece que toda história do Brasil é ensinada de maneira muito curiosa e equivocada, onde são citados os atos heroicos e patrióticos de alguns brasileiros, mas desconsidera-se a participação de tantos outros, ou agregam valores como se fosse à luta de todos ou de apenas alguns.

O capítulo 2, *‘Um imperador governa o Brasil / Um presidente governa o Brasil’* da unidade 3, *‘Brasil – de colônia a república’* evidência logo em seu primeiro enunciado *“desde 15 de novembro de 1889 o Brasil é uma república administrada por um presidente eleito, que obedece à Constituição”* (ÁPIS-HITÓRIA, 2014, p.116) podendo ser interpretado como uma determinação de gênero já que *‘um presidente eleito, que obedece à Constituição’* poderia ser facilmente modificado por *“presidenciáveis que obedecem à constituição”*, assim decentralizariam o maior poder político do país as figuras predominantemente masculinas e tornaria evidente o debate da eleição da primeira mulher a presidir o país no início do primeiro mandato no ano de 2011, Dilma Rousseff.

Como contribuição são trazidos acontecimentos de profunda relevância no Brasil depois da proclamação, destacando pontos como o veto do voto aos analfabetos, mendigos, soldados, religiosos e as mulheres.

O voto foi estendido às mulheres a partir de 1932, ou seja, 43 anos depois da proclamação da república e 39 anos depois do movimento pelo sufrágio feminino no país da Nova Zelândia, o primeiro país a garantir o direito ao voto feminino em suas eleições no ano de 1893, liderado por Kate Sheppard, o movimento do sufrágio feminino neozelandês. E aqui no Brasil, recém-chegada da França Bertha Lutz, líder, educadora e ativista feminista que lutou pelo direito ao voto, junto às companheiras. *“(A primeira coisa que eu fiz foi obter o voto para todas as mulheres, parecia-me que havia muitas desigualdades entre homens e mulheres)”* (Bertha Lutz, 1936). Esse foi seu discurso de indignação e repúdio ao tratamento conferido às mulheres brasileiras.

E o terceiro ponto a ser destacado é o que aparece da seguinte forma no texto: *“Responda: qual é o nome completo do Brasil? Ele aparece em dois símbolos nacionais e também nos documentos oficiais (certidão de nascimento ou nota de dinheiro, por exemplo)”* (ÁPIS-HISTÓRIA, 2014, p.116). Revelando total desinteresse com fatos históricos do Brasil

e com a descaracterização e desigualdade de gênero para representatividade feminina na política.

Explicado por Saffioti (1987) a mulher praticamente não tem voz na política.

são pouquíssimos os casos de mulheres que desempenharam e que desempenham a função de primeiro ministro [...] no mundo inteiro, o número de mulheres nos órgãos legislativos (no Brasil, a câmara de vereadores, assembleia legislativa, câmara federal e senado) é insignificante (SAFFIOTI, 1987, p.48).

Para a autora a presença de mulheres em partidos políticos e sua representação são de baixíssima expressividade neste cenário, visto que os cargos dispostos e ocupados dentro destes partidos, às mulheres recebem atribuições e funções menores em relação ao homem e dificilmente uma delas alcançarão cargos de liderança. A representatividade da figura feminina respalda-se apenas na entrada e limitação de movimentos sociais, sendo possível ressaltar que os espaços de luta das vertentes dos movimentos sociais não são provenientes a política institucional, e que esses movimentos ocorrem por fora dos espaços parlamentares e consequentemente fora dos partidos políticos também.

Análise dos textos e das imagens do livro didático – Unidade 4

A unidade 4, '*O cotidiano na história*', finda a análise dessa pesquisa, trazendo já em sua introdução e apresentação, questões como: "*Como são divididas as tarefas na sua casa?*" e "*Antigamente, as regras das famílias eram muito diferentes. Você imagina como era?*" contribuindo na análise dos hábitos e costumes cotidianos de grupos e movimentos sociais que foram modificados com o passar dos anos.

O capítulo 1 da unidade 4, '*uma viagem no tempo*', inicia-se contextualizando o dia a dia na colônia, problematizando como viviam as pessoas no tempo em que o Brasil era colônia de Portugal, trazendo obras de artes plásticas como a tela '*Uma família brasileira*' do artista plástico Henry Chamberlain de 1819-1820, representação do sistema patriarcal e organização das idas à igreja, estabelecendo a ordem das famílias da época que eram proprietária dos engenhos de açúcar. Nosella (1979) define o conceito ideológico da figura paterna atrelada ao conceito de família, traçando características estereotipadas da família patriarcal dentro de uma situação em que é o pai o maior responsável e dedicado pelo trabalho sério, pertencendo e dependendo dele o sustento familiar. A mulher que é mãe e vive nas

dependências do casamento não trabalha e está condicionada a cuidar do lar, do marido e dos filhos. Para a autora:

A mensagem ideológica que se percebe nestes textos de leitura, é a de reproduzir de maneira fixa a figura paterna, limitando-se a dois comportamentos fundamentais: sustentar o lar e fazer passeios. Isto teria a finalidade de esvaziar a riqueza da personalidade de cada pai, como indivíduo único (p.39).

Essas representações estereotipadas da figura masculina em relação à feminina, responde a questão 'A', "*O artista representou uma família patriarcal. O que pode comprovar disso?*".

É representado nesta unidade as definições e determinações do papel feminino e masculino nas relações familiares e da sociedade da época, textos e imagens carregados de valor. O primeiro texto evidencia o homem com maior posição de destaque, poder econômico e munido de total autoridade para a tomada de decisões a respeito e relação aos membros da família, contextualizando na representação do senhor, dono de engenhos e de suas atribuições. O segundo texto contextualiza a mulher ocupando o lugar de maior importância e destaque na família, ou seja, subentendendo a ocupação lugar do homem. Essa mulher responde pela atribuição de chefiar a casa, mas, isso não acontece por causa de suas competências e sim porque a população masculina, segundo o texto, por motivos de força maior, precisaram se ausentar. O próprio texto está carregado de ideologias dominantes, quando enuncia que "*cabia às mulheres, ligadas mais a seus lares que os homens, 'conservar a tradição doméstica' e governar a casa e as fazendas*" (ÁPIS-HISTÓRIA, 2014, p.132). Além de triplicar a carga horária de trabalho, a responsabilidade que essa mulher tem com o trabalho informal nos cuidados domésticos, ela é obrigada a arcar com os trabalhos formais e outras responsabilidades, retratando relações de desigualdades no tratamento com a figura feminina, que é violentada pelo sistema patriarcal opressor da época. A mulher devia obediência ao homem em todas as fases da vida, seja no sistema familiar, obedecendo a seu pai, como no casamento, vivendo em clausura e sendo subserviente a figura masculina do marido.

No capítulo 2, "*vivemos o presente*" – *A vida nos dias atuais / Um povo em festa*, é proposta a atividade *vivendo o presente*, permitindo um momento de contextualização de algumas mudanças nos costumes dos brasileiros, principalmente nas manifestações festivas e culturais que são tratadas pelas expressões das culturas dos festejos populares, como a festa de Iemanjá, a festa de Quarup que são manifestações tradicionais dos indígenas do Xingu, os

festejos juninos da região nordeste e o desfile cívico nacional, e para complemento da unidade a representação de textos e imagens que trazem os ritmos musicais introduzidos, reproduzidos do exterior e produzidos no Brasil, possibilitando o debate de possíveis comportamentos e tratamentos de mulheres e homens nesses festejos como o de costumes a serem incorporados ao cotidiano.

Este livro didático proporciona aos alunos senão um dos primeiros contatos com temas de tamanha complexidade, podendo em suas discursões se apropriarem de questões e atividades que promovam debates e intervenções que possivelmente tornaria os seus estudantes aptos a dialogar e construir socialmente transformações a partir de suas realidades, compreendendo as relações e os acontecimentos históricos que tanto constroem e perduram os estereótipos e costumes.

No final do último capítulo, “*vivemos o presente*” – *A vida nos dias atuais / Um povo em festa?*” abordagens na perspectiva das questões de gênero são inseridas a partir de novas estruturas familiares e formas de relacionamentos. Para Nosella (1979),

a esfera do relacionamento a família que embora seja mencionada como unida, não tivesse momentos comuns de que todos partilhassem, seja de alegria ou de tristeza, de trabalho ou de divertimento. É um conjunto unido, onde cada um é descrito com uma vida própria e com relacionamentos estanque [...] não tem momentos de preocupação, de tristeza, de mau humor (1979, p. 48).

A proposta de inserção dos passos para as mudanças de hábitos na página 152 propõe praticas e regras de bons costumes e convivência em comunidade, permitindo discussões e relações de igualdade de gênero nas esferas de educação, família, relacionamentos, cultura, sociedade, economia e política.

Uma das questões estudada por Queiroz (2015) dentro das pesquisas e análises de gênero são as relações sociais no âmbito do relacionamento abordado em livros didáticos.

Podemos dizer que uma das maiores expectativas sociais que existem com relação à mulher é relacionada aos seus relacionamentos amorosos. Em algumas atividades do livro didático pudemos encontrar alguns indícios que revelam essa expectativa por um relacionamento afetivo ou para se tornar esposa. Além disso, encontramos algumas atividades que nos revelam outras informações sobre como tipicamente os relacionamentos amorosos ocorrem entre homens e mulheres (p.137).

A conclusão das análises é fechada a partir das propostas abordadas nos conteúdos do último capítulo, “*vivemos o presente*” – *A vida nos dias atuais / Um povo em festa,*

pontuando claramente a sociedade de hoje, chefiada tanto pela figura da mulher quanto pela figura do homem, ou determinantes pelas figuras do mesmo sexo que estão em uma relação afetiva, mas que decidem e resolvem questões e decisões cotidianas de forma igual.

Considerações

Entender as relações de gênero é de fundamental importância para aprofundar-se em questões de extrema complexidade e compreensão de como se organiza a sociedade atual, visto que esta organização acontece a partir de construções institucionais, ideológicas, culturais e políticas tornando-se socialmente estruturada para suportar valores e padrões que solidificam os privilégios de X em relação a Y.

As questões de gênero que estão diretamente relacionadas às discussões trazidas por esta pesquisa, são as de identificar e analisar a diferenciação e atribuição dos papéis que evidenciam as desigualdades historicamente produzidas e construídas nas relações entre homens e mulheres, na qual o fator que diferencia biologicamente estes sujeitos não pode determinar a organização e o funcionamento social das decisões, dos costumes, das relações e da educação.

A partir das análises da pesquisa, foi possível identificar que em sua maioria os conteúdos que são trazidos e propostos no decorrer das quatro unidades e dos oito capítulos dispostos por este livro didático, não dispõem de abordagens críticas, sendo ainda redundante e pouco reflexivas. As apresentações dos fatos históricos de grande repercussão na história estão diretamente centralizadas e ligadas à figura masculina sem qualquer resquício da participação da figura feminina e não foram encontradas preocupações relacionadas às inquietações e questionamentos nos debates interativos que vem como propostas de atividades e motivação no livro.

O próprio capítulo quatro que se refere ao cotidiano na história, retratando as desigualdades nas tarefas e regras que são estipuladas para a figura feminina e para a masculina, não aborda ampla e criticamente às representações estereotipadas, desacreditando na importância do questionamento e aprofundamento crítico relacionado às ações, valores, ideias e padrões construídos e apreçados socialmente à figura feminina.

As questões políticas, sociais e históricas que são discutidas em sala de aula devem desvelar os sentidos atribuídos aos significados, o livro didático é uma ferramenta incentivadora, tornando-se um instrumento de acesso que literalmente tem o papel

fundamental na apropriação do conhecimento científico, já que este é um compilado de informações e deve auxiliar na desmistificação de representações de desigualdades, estereótipos, discriminação, privilégios, determinação de funções, relações culturais, histórias, econômicas, de trabalho, políticas e sociais.

Acreditamos que essa pesquisa pode ajudar na reflexão das questões referentes aos conceitos de gênero e também no uso da ferramenta de apoio que é utilizada na sala de aula pelos professores e pelos alunos. Acreditando também que é primordial o entendimento que o processo e reflexão das práticas educativas constroem aberturas nas possibilidades de alcançar mudanças significativas nas concepções estereotipadas em relação à figura feminina.

Pensando a partir das discussões e questões que caracterizam os estudos de gênero, da educação no sentido de ensino, e das políticas que normatizam a educação no Brasil, este trabalho possibilita aspectos para possíveis vertentes de pesquisas que perpassam o entendimento e tratamento que os professores da educação básica atribuem e abordam as questões de gênero através de matérias e fontes de ensino.

Referências

ALMEIDA, Jane Soares de. *Mulher e Educação: A paixão pelo possível*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

ÁPIS: História. SIMIELLI, Maria Elena; CHARLIER, Anna Maria. *Projeto Ápis: história - 5º ano*. Maria Elena Simielli, Anna Maria Charlier. – 1. Ed. – São Paulo: Ática, 2014.

FONSECA, João José Saraiva. *Metodologia da pesquisa científica*. Apostila: UEC, Fortaleza, 2002.

GODOY, Arilda Schmidt. *Pesquisa qualitativa: Tipos fundamentais*. Revista de Administração de Empresas São Paulo, v. 35, n.3, p, 20-29 Mai./Jun. 1995.

MORAES, Elise Helene Moutinho Bernardo. *Representações de gênero em livros didáticos: Imagens e seus sentidos*. Chapecó, 2015.

NOSSELA, Maria de Lourdes Chagas Deiró. *As belas mentiras: A ideologia subjacente aos textos didáticos*. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

QUEIROZ, Helenice Nolasco. *Questões de gênero no Livro didático de língua inglesa: Uma análise a luz do letramento crítico*. Belo Horizonte, 2015.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.